

## MAR PORTUGUÊS: PERCURSOS E MEANDROS DE UM MITO NACIONAL \*

VALÉRIA COSTA E SILVA \*\*  
(University of California, Berkeley)

O presente artigo assume por pressuposto que *Os Lusíadas* (1572), de Luís de Camões, e *Mensagem* (1934), de Fernando Pessoa, não são apenas duas das obras importantes no quadro restrito da literatura portuguesa, senão, também, obras fundantes de um modo particular de situar-se no mundo a que se poderia chamar ser português. Pretende-se estudar, aqui, esse papel das duas obras, confrontando-as com o romance de José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984).

Note-se que muito embora as duas primeiras obras mencionadas sejam poemas, é em sua dimensão *narrativa* que se enfocará esta análise. Ou seja, no modo como *Os Lusíadas* e *Mensagem* articularam *imagens e discursos* sobre Portugal, conectando, criando e recriando símbolos e mitos para a identidade portuguesa, que, de um modo ou de outro, contribuiram para gerar, manter e resignificar essa “comunidade imaginada” que é Portugal, para usar o conceito de Benedict Anderson<sup>1</sup>.

### OS LUSÍADAS E O MAR COMO VOCAÇÃO

Escrito e publicado na segunda metade do século XVI, *Os Lusíadas* inserem-se no contexto de uma literatura marcada pelas grandes descobertas marítimas,

---

\* Este artigo deve muito à inspiração de Haquira Osakabe e aos comentários carinhosos de Maria Lúcia Dal Farra.

\*\* Doutoranda financiada pela CAPES.

<sup>1</sup> ANDERSON, Benedict. *Imagined communities. Reflections on the origins and spread of nationalism*. London/New York: Verso, 1991.

que revolucionaram os limites geográficos, políticos, econômicos e mentais da Europa. A Portugal, a descoberta do caminho marítimo para as Índias trouxe grandes riquezas e propiciou tanto a ascensão da burguesia, quanto a consolidação do poder real<sup>2</sup>. Camões se propõe a narrar esse processo histórico como epopéia marítima.

Segundo a convenção literária clássica<sup>3</sup>, a épica é uma longa narrativa em versos, destinada a celebrar feitos grandiosos de heróis fora do comum, reais ou lendários, que realizam conquistas fundamentais para a tradição e as crenças dos povos que eles, heróis, no fundo, representam. Situadas no limite entre a história e a lenda, povoadas por seres extraordinários, marcadas por relações íntimas e determinantes entre o humano e o sobrenatural, as narrativas épicas podem ser vistas como tentativas de transfiguração da história em mito. É nesses termos que propomos a leitura de *Os Lusíadas*. De fato, Camões não apenas inaugura, em vários sentidos, o que viria a ser a língua portuguesa moderna, como funda uma *narrativa* ao mesmo tempo grandiosa e trágica sobre Portugal. Indo diretamente ao texto, ver-se-á como Camões articula uma certa idéia de destino e fatalidade, próprias ao gênero épico clássico, a fim de criar para Portugal as imagens de grande pátria e povo eleito, cuja vida estaria ligada ao mar.

O poema, segundo a sua Proposição, tem por objetivo propagar os *incomparáveis* feitos lusitanos:

*“Cessem do sábio Grego e do Troiano  
As navegações grandes que fizeram;  
Cale-se de Alexandro e de Trajano  
A fama das vitórias que tiveram;  
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,  
A que Netuno e Marte obedeceram.  
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,  
Que outro valor mais alto se alevanta.”* (I, 3)<sup>4</sup>

A proposta enunciada pelo poeta é não apenas ofuscar a glória e lançar às sombras qualquer feito, real ou mítico, anterior aos dos portugueses, como também

---

<sup>2</sup> Ver PAIS, Amélia Pinto. “Introdução” In CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Porto: Areal Editores, 1996. e SARAIVA, António José. *Estudos sobre a arte d’Os Lusíadas*. Lisboa: Gravida, 1995.

<sup>3</sup> PREMINGER, Alex; BROGAN, T.V.F. (ed.). *The New Princeton encyclopedia of poetry and poetics*. Princeton: New Jersey: Princeton University Press, 1993.

<sup>4</sup> CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. Todas as citações de Camões foram tiradas da referida edição, mas ao invés do número da página serão indicados sempre o Canto (em algarismos romanos) e a estrofe.

deixar acanhada qualquer outra obra que os tenha proclamado. Camões declara, assim, uma dupla pretensão à imortalidade: tornar inesquecíveis os feitos portugueses, e a si próprio, como poeta que canta esses feitos.

E o que faz, então, de especial esse povo descrito como ímpar e glorioso? Atreve-se, atravessa e conquista “*mares nunca de antes navegados*” (I, 1). Aqui temos o segundo elemento importantíssimo da narrativa mítica de Camões: o mar. De fato, nesse poema, Camões institui o mar como espaço mítico irremediavelmente ligado a Portugal, pois esse é não apenas repositório dos desejos, sonhos, dramas e desafios do país, como também elemento constitutivo do espaço nacional, já que Camões define Portugal por uma operação negativa em relação à idéia de terra e continente.

*“Eis aqui, quase cume da cabeça  
De Europa toda, o Reino Lusitano,  
Onde a terra se acaba e o mar começa  
E onde Febo repousa no Oceano.”* (III, 20)

Portugal identifica-se, portanto, a esse espaço ao mesmo tempo infinito, desconhecido e desafiante. O vocabulário e as imagens relacionadas ao mar são constantes e centrais ao poema: “*gente navegante*”, “*gente marítima*”, “*argonautas*” são termos sempre usados para definir os portugueses. Ademais, Vênus, a deusa que os protege, é filha das ondas e, ao final do poema, recompensa o esforço, a ousadia e a coragem dos marinheiros lusos conduzindo-os a uma ilha povoada pelas ninfas do mar profundo, dentre as quais está Tétis, Rainha do Mar. Ao associar Portugal ao mar, numa narrativa grandiloquente, Camões abre a possibilidade e o caminho para a articulação de uma identidade que é igualmente grandiosa, infinita e aberta.

A vocação para enfrentar o desconhecido e o desafio, o destemor e a valentia são a contraparte propriamente humana dessa grandiosidade. Através de uma estratégia dúplice do discurso – que tanto superdimensiona os perigos enfrentados desde a unificação do país (“*ásperos perigos*”, “*furor dos ventos inimigos*”, “*tamanhas empresas*”, “*inimigo aspérrimo*”), quanto salienta a escassez de recursos humanos (“*pouca gente*”; “*Posto que em força e gente tão pequeno*”, “*Que pera um só, cem mouros haveria*”), o poeta destaca, por contraposição, a grandeza de espírito, a coragem e o valor dos descendentes de Luso.

*“Já lhe foi (bem o vistes) concedido.  
C’um poder tão singelo e tão pequeno,  
Tomar ao Mouro forte e guarnecido  
Toda a terra que rega o Tejo ameno.”* (I, 25)

*“Olha que dezessete lusitanos,  
Neste outeiro subidos, se defendem  
Fortes, de quatrocentos castelhanos,  
Que em derredor, pelos tomar, se estendem;”* (VIII, 35)

Paralelamente, há um forte elemento de pré-destinação que também justifica e favorece as vitórias desse povo pequeno em número de homens e terras. O mar e a grandeza, portanto, aparecem como destino ao qual os descendentes de Luso não podem fugir, como enuncia o primeiro verso do poema *“As armas e os barões assinalados”*(I, 1). Nesse sentido, o destino de Portugal é demiúrgico, pois aos lusos cabe inaugurar um novo mundo, pela conquista dos mares *“Que geração alguma não abriu”* (V, 4).

Mas tal destino não deixa de ter um lado trágico, pois a grandeza das descobertas e navegações faz-se a troco de muito sofrimento e dores, o que é enunciado pela voz do Velho do Restelo. Através dessa personagem, ao final do Canto IV, instauram-se a dúvida e a fissura no discurso da grandiosidade (e da nacionalidade), pois o Velho do Restelo, “venerando” e sábio, não apenas vaticina o sofrimento que advirá sobre toda a nação em virtude da vaidade e ambição de descobrir e dominar o mundo, como questiona o sentido da empreitada e a necessidade desse sofrimento. Como se fora um oráculo, o Velho do Restelo pronuncia seu juízo sobre a empresa marítima e o futuro do país enquanto balança três vezes a cabeça, movimento que se poderia chamar cabalístico e que confere um forte sentido de mau presságio às suas palavras.

*“Ó glória de mandar, ó vã cobiça  
Desta vaidade a quem chamamos Fama!  
Ó fraudulento gosto, que se atiça  
C’uma aura popular que honra se chama!  
Que castigo tamanho e que justiça  
Fazes no peito vão que muito te ama!  
Que mortes, que perigos, que tormentas,  
Que crueldades neles experimentas!”* (IV, 95)

*“Deixas criar às portas o inimigo,  
Por ires buscar outro de tão longe,  
Por quem se despovoe o Reino antigo,  
Se enfraqueça e se vá deitando a longe;  
Buscas o incerto e incógnito perigo  
Por que a Fama te exalte e te lisonje  
Chamando-te senhor, com larga cópia,  
Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia?”* (IV, 101)



O gigante Adamastor é outra personagem que se configura no poema como imagem dos obstáculos e sofrimentos de que será feito o percurso de grandezas de Portugal<sup>5</sup>. Todavia, e sendo uma fatalidade, a missão designada por Deus para todo um povo, e a glória que dela há de vir, deve estar acima dos interesses e sofrimentos individuais, conforme Camões afirma mais de uma vez. No fundo, ser o povo eleito não traz aos portugueses apenas a glória das navegações, mas a certeza mítica de que esse povo jamais será derrotado pela História. A união carnal dos marinheiros portugueses com as ninfas da Ilha dos Amores, por Vênus preparada, com destaque para a relação entre Vasco da Gama e a própria Tétis, Rainha dos Oceanos, dão a dimensão do senhorio português sobre o mar e seus segredos.

O poema termina com uma exortação ao rei D. Sebastião para que retome o destino glorioso de Portugal, que a decadência moral da corte ameaçava. Embora Camões não tenha, com isso, criado o sebastianismo, ao conceber e instituir a imagem de um povo eleito para triunfar, o poeta criou um referencial simbólico em que a derrota não precisava ser aceita como definitiva. Em algum momento o destino glorioso deveria ser retomado.

## **MENSAGEM: MÍSTICO MAR**

*Mensagem*, de Fernando Pessoa, mantém várias relações – textuais e semânticas – com *Os Lusíadas*, e, de certo modo, parece ser uma obra que tem por objetivo resignificar o mito português criado por Camões. Sugestivo, sobre todos, parece ser o fato de Fernando Pessoa não mencionar Camões em seu poema, tendo chegado a declarar, contrariamente, que o poeta d*Os Lusíadas* nada tem a ver com *Mensagem*. O que há por trás dessa negação? Não será a mesma atitude declarada por Camões quanto à tradição clássica na qual se baseou seu poema – “*Cesse tudo o que a musa antiga canta*” (I, 3)? No fundo, o silêncio de Pessoa sobre Camões não se resumiria à mesma estratégia de afirmação de um novo e mais alto valor: seja literário, seja mítico? Admitamos que Pessoa quer propor um novo mito português, que, partindo de Camões, o redimensiona. Aliás, *Mensagem* principia dialogando diretamente com Camões, ao reescrever algumas estrofes do Canto terceiro d*Os Lusíadas*, que indicam precisamente o posicionamento e o destino de Portugal.

---

<sup>5</sup> Ver Canto V, estrofes de 37 a 61.

"A Europa jaz, posta nos cotovellos:  
De Oriente a Occidente jaz, fitando,  
E toldam-lhe românticos cabellos  
Olhos gregos, lembrando.

O cotovello esquerdo é recuado;  
O direito é em ângulo disposto.  
Aquella diz Itália onde é pousado;  
Este diz Inglaterra onde, afastado,  
A mão sustenta, em que se apoia o rosto.

Fita, com olhar sphyngico e fatal,  
O Occidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal." (Brasão: Os Campos: Primeiro - O Dos Castellos, p. 13)<sup>6</sup>

Note-se em especial o uso do verbo *jazer*, o mesmo utilizado por Camões, bem como a metáfora corporal – "*cume da cabeça*" em Camões, "*rosto*" em Pessoa. Todavia, o poeta de *Mensagem* relaciona-se ironicamente com o texto camoniano, ao iniciar com versos decassílabos, para logo quebrar a métrica clássica no quarto verso. Ademais, o segundo verso parece querer contrapor-se à eloquência de Camões, ao resumir a descrição da geografia europeia, que n*Os Lusíadas* toma 14 estrofes de oito versos, à simples fórmula: "*De Oriente a Ocidente jaz*".

No entanto, assim como em Camões, o primeiro poema de *Mensagem* também nos apresenta a idéia de uma nação pré-destinada, uma vez que Portugal é o rosto com que a Europa fita o espaço (ocidente) e o tempo (futuro do passado). Ainda assim, é preciso dizer que uma das grandes diferenças entre as narrativas camoniana e pessoana é a de que passamos de um mito histórico a uma "*visão transcendente de um Império Espiritual*", conforme afirma Eduardo Lourenço<sup>7</sup>.

Nessa nova narrativa, todos os personagens, os dados geográficos, os fatos históricos são reinterpretados e ressignificados, passando a ser vistos como sinais de um destino místico de Portugal, o que fica bem claro nos poemas que compõem a seção *Os Castellos*, em que cada um dos personagens lembrados (Ulysses, Viriato,

---

<sup>6</sup> PESSOA, Fernando. *Mensagem - Poemas esotéricos*. Edição Crítica, José Augusto Seabra, coordenador. Espanha: Archivos, CSIC, 1993. Os poemas de *Mensagem* aqui citados são tirados da referida edição, com indicação da seção e título dos poemas, quando não referidos no corpo do texto.

<sup>7</sup> Ver LOURENÇO, Eduardo. *Poesia e metafísica: Camões, Antero, Pessoa*. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1983. e CIRURGIÃO, António. *O Olhar esfíngico da Mensagem de Pessoa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/Ministério da Educação, 1990.

Conde D. Henrique, D. Tareja, D. Affonso Henriques, D. Diniz, D. João O Primeiro, D. Philippa de Lencastre) é apresentado em termos de um **destino cumprido**. Tal perspectiva permite que até a *traidora* D. Tareja seja definida como “*seio augusto*”, já que gerou e amamentou o fundador do reino português. O *Sexto* castelo, referente a D. Diniz, por sua vez, prefigura o destino marítimo da nação portuguesa, através da imagem dos pinhais que evocam as futuras embarcações que dali sairiam para dominar os mares.

*“Na noite escreve um seu Cantar de Amigo  
O plantador de naus a haver,  
E ouve um silencio murmuro comsigo:  
É o rumor dos pinhaes que, como um trigo  
De Imperio, ondulam sem se poder ver.*

*Arroio, esse cantar, jovem e puro,  
Busca o oceano por achar:  
E a fala dos pinhaes, marulho obscuro,  
É o som presente d’esse mar futuro,  
É a voz da terra anciando pelo mar.” (Brasão: Os Castellos, p. 22)*

Tal movimento do Mito para a Revelação constitui uma diferença fundamental entre Camões e Pessoa. Haquira Osakabe<sup>8</sup> sugere que *Mensagem* é uma das respostas articuladas por Fernando Pessoa quanto ao decadentismo que assolou a sua geração. Tentando encontrar a saída para um homem que havia perdido a crença em Deus e em si próprio, Fernando Pessoa desenvolveu tanto a heteronímia como a via alquímica, da qual *Mensagem* seria a expressão, senão mais acabada, ao menos mais conhecida. Segundo Osakabe, a via alquímica confere sentido à dor e ao sofrimento humanos, entendendo-os enquanto processo de transmutação que deve aproximar o homem do Logos, do Irrevelável, de Deus. Por isso, em *Mensagem* a felicidade é definida como efêmera e improdutiva. Os que permanecem na História só o fazem porque atrevem-se a enfrentar o perigo e o sofrimento.

*“Os Deuses vendem quando dão.  
Compra-se a gloria com desgraça.  
Ai dos felizes, porque são  
Só o que passa!” (Brasão: Os Campos: Segundo – O Das Quinas, p. 14)*

Se só o sofrimento traz a imortalidade, é a esse destino que o povo português é chamado, por isso, em todo o poema *Portugal, mar, destino, grandeza, tragédia*

---

<sup>8</sup> OSAKABE, Haquira. *Fernando Pessoa: resposta à decadência*. Curitiba: Criar Edições, 2002.

e sofrimento estão intimamente associados. De tal perspectiva é emblemático *Mar Portuguez*, décimo poema da segunda parte de *Mensagem*, de título homônimo ao do poema em questão.

*“Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão resaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!*

*Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abysmo deu,  
Mas nelle é que espelhou o céu.”* (p. 58)

Portugal não pode, portanto, recusar-se ao seu destino de conquistar o mar, assim como não pode recusar-se ao sacrifício e aos sofrimento. Contrariamente a Camões, que levanta a desconfiança e a dúvida quanto à validade e à necessidade do sofrimento, Pessoa propõe a aceitação do sofrimento como caminho necessário para que se chegue à Verdade, entendida como revelação esotérica. Em *O Monstrengo*, quarto poema da segunda parte de *Mensagem*, a criatura que toma conta do mar, até então fechado e proibido aos homens, realiza três voltas em redor da nau portuguesa que ousa buscar o desconhecido (a Revelação), movimento pressago que estabelece um paralelo com o meneio da cabeça do Velho do Restelo. Todavia, o poema de Pessoa finaliza com uma imagem que sugere o enfrentamento com o destino trágico. À medida que caminhamos para o final de *Mensagem*, torna-se mais claro que tal atitude de enfrentamento com o destino equivale à aceitação da dor, que, por sua vez, equivale a uma entrega sacrificial.

*Tres vezes do leme as mãos ergueu,  
Tres vezes ao leme as reprendeu,  
E disse no fim de tremer tres vezes,  
“Aqui ao leme sou mais do que eu:  
Sou um Povo que quer o mar que é teu;”* (p. 50)

De resto, multiplicam-se, em *Mensagem*, as imagens e alegorias marinhas, já que o mar emblematiza o percurso da Revelação: *“Porque é do português, pai de amplos mares”*; *“minha alma atlântica”*; *“um Povo que quer o mar que é teu”*. É nesse contexto que se explica a recorrência da figura do Infante D. Henrique, que em um dos poemas a ele dedicados, tornou-se imperador do mundo por ter



conquistado o mar novo, inaugurando, junto com uma nova concepção do universo<sup>9</sup>, um novo tempo e uma nova geografia.

*“Em seu throno entre o brilho das esferas,  
Com seu manto de noite e solidão,  
Tem aos pés o mar novo e as mortas eras –  
O unico imperador que tem, deveras,  
O globo mundo em sua mão.” (Brasão: O Timbre: A Cabeça do Grypho, p. 39)*

O mar como espaço mítico é tão fundamental em Pessoa, que é dele que nasce a Terra na sua totalidade, conforme diz o poema primeiro da Segunda Parte de *Mensagem, Mar Portuguez*. E na consecução desse destino trágico-grandioso, homens como o Infante D. Henrique não são mais que agentes impulsionados pela força mística de Deus.

*“Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.  
Deus quiz que a terra fosse toda uma,  
Que o mar unisse, já não separasse.  
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,*

*E a orla branca foi de ilha em continente,  
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,  
E viu-se a terra inteira, de repente,  
Surgir, redonda, do azul profundo.*

*Quem te sagrou creou-te portuguez.  
Do mar e nós em ti nos deu signal.  
Cumpriu-se o Mar, e o Imperio se desfez.  
Senhor, falta cumprir-se Portugal!” (I - O Infante, p. 47)*

Assim, mesmo revelando a terra inteira, ainda não cumpriu-se, segundo o poeta, o destino português, o que sugere a existência de um destino oculto para o país, simbolicamente associado ao mar. Aí entramos na terceira e última parte de *Mensagem*, na qual Pessoa insiste sobre a figura de D. Sebastião, herói especial por ser o último que ousou sonhar, pois na lógica da via alquímica, o sonho é caminho para a Verdade mística.

*Que importa o areal e a morte e a desventura*

---

<sup>9</sup> Note-se a forma como, poeticamente, Pessoa alude à derrocada de todo um sistema de compreensão do universo, criado por Ptolomeu e definitivamente enterrado com a era das grandes navegações.

*Se com Deus me guardei?  
E' O que me sonhei que eterno dura,  
E' Esse que regressarei. (O Encoberto: Os Symbolos: Primeiro – D. Sebastião, p. 67)*

Como diz Osakabe<sup>10</sup>, o Rei-Menino, entregue ao sacrifício do areal, como Cristo foi entregue ao sacrifício da Cruz, é signo da regeneração desejada do mundo, mergulhado, então, na sombra do nevoeiro. Para que o mar se complete, para que o segredo se revele ao homem, é necessário voltar a sonhar, pois só através do sonho e da loucura consegue o homem fugir ao destino da “*besta sadia*”, do “*cadáver adiado que procria*” (p. 32); só o sonho pode levar à realização do Quinto Império.

*E assim, passados os quatro  
Tempos do ser que sonhou,  
A terra será teatro  
Do dia claro, que no atro  
Da erma noite começou. (O Encoberto: Os Symbolos: Segundo – O Quinto Imperio, p. 68)*

*Onde quer que, entre sombras e dizeres,  
Jazas remoto, sente-te sonhado,  
E ergue-te do fundo de não-seres  
Para teu novo fado! (O Encoberto: Os Symbolos: Terceiro – O Desejado, p. 69)*

José Édil de Lima Alves<sup>11</sup> destaca que Pessoa deixou vários escritos mencionando sua intenção de compor um poema épico sobre Portugal, assim como expressara o desejo de suplantar Camões. No fundo, o movimento é um só e embora *Mensagem* não tenha a estrutura clássica de um poema épico, é, sem dúvida, a resposta de Fernando Pessoa à herança camonianiana. Reconstruir e inscrever em uma nova dimensão o mito português, aproveitando certos elementos, acrescentando outros, reconfigurando o todo é o que ele alcança fazer. Por isso, não sem motivo diz a crítica literária ser o próprio Pessoa a personagem central do poema *Terceiro*, da seção *Os Avisos* (de *O Encoberto*), seguindo-se à Bandarra e Antonio Vieira. Pessoa é não apenas o último dos profetas do tempo da plenitude e da realização, mas chega a confundir-se com o próprio *Desejado* (OSAKABE, 2002).

---

<sup>10</sup> Op.cit.

<sup>11</sup> Ver artigo incluído na edição crítica de *Mensagem* da coleção Archivos, acima referenciada.

*Quando virás, ó Encoberto,  
Sonho das eras portuquez,  
Tornar-me mais que o sopra incerto  
De um grande aneio que Deus fez?*

*Ah, quando quiserás, voltando,  
Fazer minha esperança amor?  
Da nevoa e da saudade quando?  
Quando, meu Sonho e meu Senhor? (p. 77)*

Assim é que *Os Lusíadas* e *Mensagem* fundam mitos em que Portugal aparece como uma nação com grande destino, por isso mesmo marcada pelo sofrimento e pelo sacrifício. O mar é repositório dos valores e princípios inscritos nesses mitos. E ambas as construções poéticas criam, nos campos imaginários que instituem, uma suspensão e uma expectativa. Ou seja, deixam em suspenso o destino glorioso de Portugal e cristalizam a idéia de que trata-se de uma nação incompleta; talvez porque tivesse abandonado seu compromisso com a virtude, a coragem, a ousadia e o sonho. Vejamos agora como José Saramago dialoga e procura desconstruir essa mitologia marítima e esse tempo de espera.

## SARAMAGO E A TERRA À VISTA

O romance de José Saramago, aqui analisado, dialoga diretamente com a tradição literária portuguesa, fazendo alusões constantes a diferentes autores, todavia, Pessoa e Camões parecem ser os principais ecos do passado com os quais o romance pretende lidar. A frase inicial de *O Ano da Morte de Ricardo Reis* é extremamente significativa nesse sentido: *Aqui o mar acaba e a terra principia* (p. 11). Note-se que o primeiro movimento do narrador do romance é o de negar radicalmente, desmontando-a, a noção do mar como espaço mítico fundamental da identidade portuguesa. Se Camões e Pessoa enfatizam a saída para o mar como uma espécie de busca do próprio destino grandioso, Saramago nos impõe o movimento inverso, pois temos um protagonista que chega do mar e vai buscar em terra o sentido de sua vida e de sua pátria.

*“Um homem grisalho, seco de carnes, assina os últimos papéis, recebe as cópias deles, pode-se ir embora, sair, continuar em terra firme a vida.” (p. 14)<sup>12</sup>*

---

<sup>12</sup> SARAMAGO, José. *O Ano da morte de Ricardo Reis*. Lisboa: Caminho, 1998. Deve-se referir a esta edição sempre que for citado o texto de Saramago.

Segundo Teresa Cristina Cerdeira da Silva<sup>13</sup>, *O Ano da Morte de Ricardo Reis* é uma narrativa antiépica sobre uma viagem de volta de mares longamente navegados<sup>14</sup>. Como o mar, no presente do romance, não pode mais fornecer material a uma epopéia nacional, só resta a Portugal a terra como espaço de construção e busca de identidade. Todavia, o que a personagem principal de *O Ano da Morte de Ricardo Reis* encontra em terra não tem nada de grandioso, muito ao contrário, Portugal é pobreza, miséria, guerra, alienação e sofrimento.

A própria natureza serve, na estética do romance, de enquadramento e sinal dos maus tempos vindouros e da situação precária do país que Ricardo Reis vem encontrar. Metade do romance passa-se sob um aguaceiro sem fim, quase um dilúvio, como se os céus quisessem realmente pressagiar um futuro negro para Portugal. Aliás, o acesso visual que o leitor tem a Lisboa é sempre o de uma cidade cinzenta, triste e suja.

*"Para além dos barracões do cais começa a cidade sombria, recolhida em frontarias e muros, por enquanto ainda defendida da chuva, acaso movendo uma cortina triste e bordada, olhando para fora com olhos vagos, ouvindo gorgolhar a água dos telhados, algeroz abaixo até ao basalto das valetas, ao calcário nítido dos passeios, às sarjetas pléticas, levantadas algumas, se houve inundações."* (p. 13)

Da água passamos logo a um calor causticante e insuportável, que sufoca e paralisa, tanto o protagonista, como, simbolicamente, o próprio país. Paralelamente, a idéia de um grande povo é desfeita logo nas primeiras páginas, pelo narrador, que expõe a humilhante dependência em que Portugal na verdade encontra-se diante do mundo.

*"... povo atrasado, de mão estendida, vende cada um o que tiver de sobejo, resignação, humildade, paciência, assim continuemos nós a encontrar quem de tais mercadorias faça no mundo comércio."* (p. 14)

O olhar crítico do narrador contrasta com as notícias de jornal lidas pelo protagonista, as quais tentam sugerir a supremacia – embora não *reconhecida* – de Portugal sobre a Europa.

---

<sup>13</sup> SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. *José Saramago – entre a história e a ficção: uma saga de portugueses*. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

<sup>14</sup> O romance relata o retorno de Ricardo Reis, heterônimo, do Brasil para Portugal em dezembro de 1935, motivado pelo falecimento de Fernando Pessoa, um mês antes. Ricardo Reis acaba por receber freqüentes visitas do espírito de Fernando Pessoa, ao mesmo tempo em que tenta reorganizar a sua vida no contexto do salazarismo e de uma Europa que marcha para a guerra.



*“... essas hoje presunçosas nações que arrotam de poderosas, grande é o engano em que vivem, pois não tardará muito o dia, fasto sobre todos nos anais desta sobre todas pátria, em que os homens de Estado de além-fronteiras virão às lusas terras pedir opinião, ajuda ilustração, mão de caridade, azeite para a candeia, aqui, aos fortíssimos homens portugueses ... à cabeça maximamente Oliveira Salazar ...”* (p. 81)

O efeito irônico desse contraste entre a voz narrativa e a voz dos jornais expõe ao ridículo as pretensões de grandiosidade do regime salazarista, bem como a ideologia que ele manipula. Igualmente, é desmontada a noção de um destino ao mesmo tempo marítimo e grandioso para o país, uma vez que as grandes navegações são reduzidas a um passado de sofrimentos inúteis. O mar de Saramago não é mais o da glória, mas apenas o da tragédia e do sofrimento inócuos. Para o romancista, a idéia de sacrifício de inocentes em favor de grandes projetos políticos e da glória da pátria não tem mais sentido.

*“... a estas horas vai longe, navegando para o norte, em mares onde o sal das lágrimas lusíadas é só de pescadores, entre as vagas que os matam, ou de gente sua, gritando na praia, as linhas fê-las a companhia coats and clark, marca âncora, para da história trágico-marítima não sairmos.”* (p. 37)

Desse modo, o narrador de *O Ano da Morte de Ricardo Reis* vai desmontando, pela ironia, os pequenos mitos nacionais, num movimento – textual e ficcional – constante de ida e volta a Pessoa e a Camões, paralelo a um movimento físico de deslocamento do protagonista pela cidade de Lisboa, pois, ao percorrer a cidade, o olhar de expectador aparentemente desinteressado de Ricardo Reis vai expondo a realidade crua do país.

*“... numa plataforma, estão uns bustos de pátrios varões, uns buxos, umas cabeças romanas, descondizentes, tão longe dos céus lácios, é como ter posto o zé-povinho do Bordalo a fazer um toma ao Apolo de Belvedere.”* (p. 62)

Conforme sugerido, um dos pontos fulcrais do romance é a crítica à manipulação dos textos de Pessoa e Camões feita pelo regime ditatorial.

*“Ricardo Reis atravessou o Bairro Alto, descendo pela Rua do Norte chegou ao Camões, era como se estivesse dentro de um labirinto que o conduzisse sempre ao mesmo lugar, a este bronze afidalgado e espadachim (...) mas este aqui, se por estar morto não pode voltar a alistar-se, seria bom que soubesse que dele se servem, à vez ou em confusão, os principais, cardeais incluídos, assim lhes aproveite a conveniência.”* (p. 68)

Camões é presença constante no romance, embora esteja significativamente imobilizado, pois que aparece como estátua, mas sempre no caminho do

protagonista, Ricardo Reis. É ponto central no espaço do romance, assim como é referência fulcral da cultura portuguesa e de sua construção identitária.

*“... todos os caminhos portugueses vão dar a Camões, de cada vez mudado consoante os olhos que o vêem, em vida sua braço às armas feito e mente às musas dada, agora de espada na bainha, cerrado o livro, os olhos cegos...”* (p. 176)

*“... É como todas as coisas, as más e as boas, sempre precisam de gente que as faça, olhe o caso dos Lusíadas, já pensou que não teríamos Lusíadas se não tivéssemos tido Camões, é capaz de imaginar que Portugal seria o nosso sem Camões e sem Lusíadas...”* (p. 179)

Mesmo considerando-se a forte carga de ironia desses enunciados, no fundo eles levam à constatação de que realmente não se pode compreender a cultura portuguesa sem Camões, cuja obra poética imprimiu-lhe sentidos, símbolos e uma configuração específicos. Assim também a obra de Pessoa é prenhe de símbolos e mitologias que se viriam a agregar ao imaginário nacional, confirmando-o, completando-o, redimensionando-o. É em especial a apropriação dessa herança mítica o objeto da aguçada ironia de Saramago, de que é exemplar o episódio em que Ricardo Reis fala a Fernando Pessoa (morto) sobre as declarações de um prelado da Igreja. Nessa passagem, Pessoa tem uma crise de riso e choro concomitantes, expressiva de sua perplexidade diante da manipulação alienante e paralisadora de sua própria obra.

*“... É que, segundo a declaração solene de um arcebispo, o de Mitilene, Portugal é Cristo e Cristo é Portugal (...) Fernando Pessoa pensou alguns instantes, depois largou a rir, um riso seco, tossicado, nada bom de ouvir, Ai esta terra, ai esta gente, e não pôde continuar, havia agora lágrimas verdadeiras nos seus olhos, Ai esta terra, repetiu, e não parava de rir, Eu a julgar que tinha ido longe de mais no atrevimento quando na Mensagem chamei santo a Portugal (...) Sendo assim, precisamos de saber, urgentemente, que virgem nos pariu, que diabo nos tentou, que judas nos traiu, que pregos nos crucificaram, que túmulo nos esconde, que ressurreição nos espera, Esqueceu-se dos milagres, Quer você milagre maior que este simples facto de existirmos, de continuarmos a existir, (...) nem sequer precisávamos de receber o Salazar de presente, somos nós o próprio Cristo, Você não devia ter morrido tão novo, meu caro Fernando, foi uma pena, agora é que Portugal vai cumprir-se...”* (p. 273)

Igualmente ilustrativa é a conversa entre Pessoa-morto e Camões-estátua, episódio tão fantástico como revelador da crítica elaborada pela voz narrativa dos anos 80. É o dia da Festa da Raça e Pessoa, diante da estátua de Camões, pergunta-se por que não mencionou o grande poeta em seu próprio poema nacional. Camões responde-lhe que foi por inveja, mas imediatamente acrescenta que isso não tem

importância, lamentável, sugere a estátua, é o uso que se faz e fará, conforme as conveniências políticas, de suas obras.

*“... não se atormente tanto, cá onde ambos estamos nada tem importância, um dia virá em que o negarão cem vezes, outro lhe há-de chegar em que desejará que o neguem...”*  
(p. 343-44)

Importa insistir na idéia de que a crítica de Saramago não se dirige tanto aos poetas ou às suas obras – jamais avaliadas no livro do ponto de vista estético –, mas sobretudo aos perigos potenciais de discursos nacionalizantes e mitificantes e ao uso político e ideológico dos mesmos, que podem tornar-se alienantes e nocivos a uma coletividade e à sua história. Por isso o texto de Saramago procura ir desmontando esses discursos através da ironia e do contraste entre diferentes vozes e perspectivas – notícias de jornais, de rádio, a voz de Fernando Pessoa morto, dono de uma visão propospectiva, conquanto inoperante.

Na figura do regime populista de Salazar é ácida a crítica ao salvacionismo e ao sebastianismo, que estariam mantendo o país alienado e atrasado, tanto social como politicamente. O narrador desconstrói o sebastianismo deslocando a vinda do Desejado do mar para a terra, do navio para o comboio. Ao trazê-lo para o plano terrestre e inscrevê-lo na ordem do cotidiano, em que os comboios atrasam, o narrador desautoriza e desmitifica a figura do salvador tão esperado.

*“... os barcos no rio é como se estivessem afastando pelo meio do nevoeiro, mar fora, e, por disto falarmos, lá está D. Sebastião no seu nicho da frontaria, rapazito mascarado para um carnaval que há-de vir, se não noutra sítio o puseram, mas aqui, então teremos de reexaminar a importância e os caminhos do sebastianismo, com nevoeiro ou sem ele, é patente que o Desejado virá de comboio, sujeito a atrasos.”* (p. 74-75)

Ademais, a própria idéia de Portugal voltada para fora – ponto de partida de grandes conquistas – é radicalmente questionada. Tampouco é Portugal um local de convergência, sendo-lhe claramente negado o status de maior potência entre as nações. Se não é ponto de partida, nem ponto de chegada, então, sugere o texto, Portugal é caminho, é passagem e é ponto de inflexão, assim como o presente é um convite para a reflexão sobre seu próprio estatuto ontológico, onde não há mais lugar para o mito, o passado e a glória.

*“... este não é o lugar onde os rumos se abrem, também não é o ponto magnífico para onde os rumos convergem, aqui precisamente mudam eles de direcção e sentido...”* (p. 88)

Não é mais possível, a Portugal, viver esse tempo de espera, indefinição e suspensão. A paralisação no meio do caminho, no meio do mar, à espera de que



venha o Desejado resgatar o povo do naufrágio e restituir-lhe a glória passada, ou conceder-lhe a redenção mística, não tem sentido no romance de Saramago. Assim como o protagonista, Portugal precisa sair da imobilidade em que se encontra: *“Em suma, você anda a flutuar no meio do Atlântico, nem lá, nem cá, Como todos os portugueses...”* (p. 353). Saindo da boca da personagem Fernando Pessoa, a frase parece ecoar como chamado ainda mais urgente e imperativo para o Portugal do século XX.

Camões e Pessoa procuraram dar respostas às questões graves dos seus tempos. Camões queria inspirar, através da rememoração das glórias passadas, a virtude e o valor moral, que o ambiente de dissolução da corte portuguesa legava ao esquecimento; Pessoa, possivelmente, desejava resgatar o sonho e a vontade de sonhar, e despertar, assim, o homem português para a necessidade de busca da Redenção. Para tanto, usaram a linguagem do mito e do mistério, respectivamente. Escrevendo nos anos 80, o convite de Saramago volta-se para a práxis histórica e convida à ação – não mais a ação dos grandes heróis que incorporam o espírito e o destino da raça, mas a ação do povo anônimo, das Lídias e Danieis, que, contrariamente aos Ricardos Reis, não têm medo de entrar na corrente da vida. A terra não pode mais esperar, é tempo de agir e construir na história, no momento presente, o destino que se quer para um povo que não deveria mais ser tão paciente.

*“Então vamos, disse Fernando Pessoa, Vamos, disse Ricardo Reis. O Adamastor não se voltou para ver, parecia-lhe que desta vez ia ser capaz de dar o grande grito. Aqui, onde o mar se acabou e a terra espera.”* (p. 406)